

## CAPÍTULO VIII

### AS SUPOSIÇÕES CONDENÁVEIS DO ROMANISMO

Tomei como regra de minha vida que, encontrando uma opinião melhor do que a que sustento, renuncio à velha e abraço à nova. – João Wyclif.

A comparação dos méritos dos sistemas Protestante e Romano continua, tendo em vista as duas antecedentes reivindicações feitas pelo Romanismo: que a Igreja não pode errar e que a Idade Média representa o Cristianismo em sua melhor forma. Quanto a serem essas idéias postas, por enquanto, de lado, não pode haver discussão.

**§ 1. A Igreja – o organismo Romano.** - A Igreja para a qual o católico romano reivindica o privilégio de não poder errar, coincide com o organismo romano. As fronteiras de ambos se correspondem tanto quanto as da “América” e do “Novo Mundo”, como primitivamente rezavam os mapas do hemisfério Ocidental. O sistema Romano pretende que o moto: “sempre a mesma”- *semper eadem* – representa-o perfeitamente. O que ele era no século XVI, tinha-o sido sempre; e, aventurar-se alguém a lhe alterar os ensinamentos ou práticas oficiais, é como arriscar-se à realização do impossível. A Igreja, isto é, o organismo romano, com o pontífice romano como cabeça, prestando culto à Virgem Maria e derramando graças através de sete sacramentos, está tão resguardada de ataques como Gibraltar. O fiel católico romano sempre põe termo à discussão com a sentença: “A Igreja ensina outra coisa”. O argumento se assemelha ao de que usava Tertuliano em sua *Condenação da Heresia*, em que nega aos pagãos o direito de julgarem a religião cristã, sob o fundamento de lhes faltarem luzes espirituais. A discussão real somente é possível quando a definição de Igreja e do que ela é se trata como assunto suscetível de debate.

**§ 2. A teologia medieval enaltecida.** – O medievalismo é tratado pelos recentes pontífices e escritores católicos romanos como o ponto culminante da religião cristã, sendo que a cura dos presentes males religiosos e sociais reside no regresso às condições que prevaleceram no período medieval. Escrevendo contra as XCV Teses, Prierias enalteceu a autoridade de Tomaz de Aquino como indisputável e tratou-o como divino – *divus* – e “doutor angélico”. Lutero, em linguagem franca, se opôs a Tomaz de Aquino; e, citando a S. Paulo e Agostinho, disse: “Não temo discordar de Tomaz, mas receio entrar em conflito com S. Paulo e Agostinho”. Em oposição a Prierias, ele usava as mesmas frases – Contradigo a S. Tomaz – *S. Thoman nego*. “A distinção feita por S. Tomaz é falsa até não poder mais – *falsissima*”. A diferença de apreciação acerca dos valores religiosos da Idade Média assinala uma separação permanente entre as autoridades Protestantes e Católicas Romanas.

Os escritores católicos romanos da atualidade demonstram grande admiração por Tomaz, chamando-lhe “o anjo da escola” e o “gigante intelectual da Igreja”. O Concílio de Trento conservava a obra teológica de S. Tomaz aberta sobre o altar, ao lado da bíblia e de um exemplar do Direito Canônico. Em 1567, um edito papal colocou-o ao nível de Agostinho, como um dos doutores da Igreja. Três séculos depois, Leão XIII proclamou-o com retumbância “o Príncipe dos Escolásticos”, “o mais seguro guia filosófico no moderno combate da fé e da razão contra o ceticismo e a incredulidade”, e, por uma segunda bula, “o protetor das escolas católicas e o guardião dos estudos”. Em sua encíclica de 4 de agosto de 1879 – *æterni patris* – o pontífice expressou a opinião de que, com exceção dos livros canônicos da Escrituras, os ensinamentos

de Tomaz são inigualáveis; e quem quer que se oponha à sua doutrina, deve ser tido como suspeito de desvio da verdade. Em todos os documentos da filosofia sagrada, Tomaz – assim continuou Leão – “iluminou, por sua acuidade, o que era obscuro e firmou a verdade por meio de seu vigor argumentativo”.<sup>1</sup> “Sim, ele parece ter herdado o espírito de todos os doutores antigos. Fornecia, duma penada, elementos de refutação de todos os erros de tempos idos e forjava as armas destinadas ao combate de erros que se levantariam depois. Obra alguma poderia ser mais admirável do que reviver a preeminente teologia dos escolásticos – *proeclara doctrina* – e fazer jorrarem as fontes que dele fluem. De fato, Tomaz deve ser comparado ao sol, porque aquece a terra com a chama de sua santidade e enche a terra inteira do esplendor de seus ensinamentos”. Concluindo sua encíclica, Leão instruiu os bispos a invocarem o auxílio da Virgem, sede de toda a sabedoria, e S. José, o casto esposo de Maria, assim como Pedro e Paulo, para que “presidam a todos os ensinamentos da Igreja e lhe concedam a luz da sabedoria”.

Pio X, a 8 de setembro de 1907, proclamou ser a filosofia escolástica fundamento do estudo cristão e Tomaz seu mais eminente representante. Bento XV repetiu o conceito, segundo o qual, depois da Bíblia, as obras do doutor angélico são a fonte final de iluminação, adaptada às discussões mais profundas do tempo – e louvou as ordens religiosas por jamais se terem desviado um fio de cabelo dos ensinamentos de Tomaz. <sup>2</sup> Em 1923 o pontífice recente, Pio XI, no sexto centenário da canonização de Tomaz, afirmou que, aplicando regras alegóricas, tropológicas e analógicas de interpretação, Tomaz havia retirado das Escrituras forte e opulenta colheita de ensinamentos úteis e, como os egípcios foram a José pedindo sustento, assim devem os homens ir a Tomaz, em busca do pão da sagrada doutrina. Finalizou a encíclica com a concessão de uma indulgência de sete anos e sete quarentenas a todos que recitassem uma oração de que Tomaz se valia e que Pio reproduziu em sua bula. Em harmonia com essas declarações pontificias, o Direito Canônico, ns. 589, 1366, prescreve que os professores de teologia e filosofia natural devem explicitamente seguir os ensinamentos do doutor angélico e manejar os argumentos de que ele se servia, e que esses ensinamentos serão o padrão do curso de estudos teológicos. Há cinco séculos João XXII declarava que maior progresso se faria em um só ano no estudo de Tomaz, do que em toda a existência gasta no estudo de outros teólogos.

Os Protestantes se unem aos católicos romanos no reconhecer a genialidade e os intuítos piedosos do eminente erudito medieval, e colocam-no ao lado de Agostinho e Calvino como um dos três principais teólogos dos séculos cristãos. Discordam, todavia, dos panegíricos, que praticamente fazem da teologia uma ciência imutável.

Tomaz de Aquino – 1225-1274, era homem de raros dotes, senso comum e pureza de vida. Em suas mãos as especulações dos escolásticos tomam a forma de uma ordem lógica, consistente e completa, embora lhe falte, quando comparado a Anselmo, a originalidade do grande teólogo. Ele não abusou do texto da Escritura, como fazia Boaventura que, em dois salmos, substituiu, no interesse do culto a Maria, o nome de Jeová pelo nome daquela. A profunda devoção religiosa de Tomaz teve expressão em seu hino sobre a Ceia do Senhor. A composição teológica era, para ele, um exercício piedoso, iniciado e conduzido em oração. É característico de seu espírito que, como foi referido, estando a caminho de Paris, disse que não trocaria a exposição de Crisóstomo sobre Mateus pela própria cidade. Por outro lado, os Protestantes não fecham os olhos às limitações e erros de Tomaz, entre os quais figuram os que se seguem.

Tomaz de Aquino estava empenhado em defender as doutrinas tradicionais que sua igreja havia recebido. Não tomou o encargo de discriminar entre as opiniões herdadas pela igreja e as Escrituras. Não possuía nenhum dos conhecimentos críticos

que a erudição de hoje tem a seu alcance. Não conhecia grego, nem hebraico. Sob nosso ponto de vista hodierno, Tomaz não era um mestre bíblico. Em exegese, aceitava sem discussão as opiniões dos Santos Padres. Seguindo o hábito escolástico, enredava-se em todas as espécies de indagações curiosas, mas inúteis, como, por exemplo – se a carne de Cristo foi concebida do mais puri sangue da Virgem – e em que caiu o diabo: *in quid cecidit diabolus?* Entre os erros que ele defendeu, figura um que, partilhado pelos hereges, levá-los ia à fogueira; aceitava a realidade de *sucubus* e *incubus*, com tudo mais que se acha implícito na feitiçaria. O purgatório ele o localizava no centro da terra. Às vezes os argumentos desenvolvidos por Tomaz são inacessíveis à razão, como, por exemplo, sua argumentação feita no sentido de demonstrar porque o corpo real e o sangue de Cristo, no sacramento, não são sensíveis ao paladar nem perceptíveis à visão.

**§ 3. O Medievalismo como finalidade religiosa.** – Segundo os modernos escritores e pontífices romanos, a Idade Média foi a Idade de Ouro da sociedade cristã. Foi um período de fé, em que a ordem civil e a paz terrena, assim como os objetivos sagrados, prevaleceram como nunca mais se verificou depois. Esse pretense estado admirável de coisas assegura-se ter sido quebrado pelo Protestantismo, que é acusado de haver introduzido a confusão social e a anarquia, dúvida em matéria religiosa, divisão e inquietude. O Protestantismo é responsabilizado pelo espírito de rebeldia civil e religiosa, onde quer que tal espírito se manifeste na Europa moderna, e pelas revoluções, sangueiras e instituições imorais que se produziram nas terras protestantes e em outras regiões colocadas dentro da esfera de influência protestante.

Os quadros da Idade Média, assim esboçados, são um sonho para os quais não existem fundamentos nos fatos históricos: aqui é verdade o adágio que diz: “a distância empresta encanto à paisagem”. O estudo daquele período mostra que ele foi, em confronto com nossa era, um tempo de atraso, tanto em moral e religião como em cultura. Foi uma era de exercício arbitrário da autoridade pontifícia, de orgulho e mundanismo prelático e de desrespeito aos votos do celibato. Foi uma era de assinaladas distinções sociais, de feudos, guerras religiosas, mendicidade fradesca e superstições extravagantes. Foi uma era em que se desconheciam as modernas aplicações do estudo bíblico e do governo constitucional. Um retrato fabuloso da sociedade medieval e da igreja medieval foi esboçado num livro do dr. J. J. Welsh, que considera o século XIII como o “maior século”, o século ideal entre os séculos. O escritor inglês, católico romano, exalta, com justiça, as altas figuras daquela quadra, tais como Francisco de Assis, Tomaz de Aquino, Luiz IX e Dante. As universidades, como o citado escritor imagina, estavam em pleno florescimento, sendo vasto seu número de estudantes e sendo os estudos conduzidos com seriedade e inteligência; nas catedrais ele encontrara a arte da escultura guindada à mais alta perfeição e a piedade pura viçando em completo desenvolvimento. Em todos os ramos, a obra feita foi conscienciosa e exata. Na esfera do governo, os começos da Democracia se mostraram na Magna Carta. Na esfera da exploração, Marco Polo assinalou o roteiro a seguir. Grandes hinos e obras teológicas foram compostos e na esfera da Caridade se iniciou a organização das cidades-hospitais. Acima de tudo isso, havia na Europa Ocidental uma só Igreja, um mesmo sistema sacramental, um centro eclesiástico de poder – tudo se mantendo com geral satisfação e constituindo um núcleo de paz e uma garantia da atividade cristã.

Tal é a atraente pintura. Nela há muito de verdade, mas essa verdade só se conta pela metade. O século XIII não foi uma era de unidade ideal, mas de dissensão religiosa, dissensão tão ameaçadora no norte da Itália e sul da França, que Inocêncio III calculou que mil aldeias e cidades estavam contaminadas de depravação herética. Os

exércitos papais feriram de morte os heréticos e cobriram suas terras de devastação. Foi a era em que César de Heisterbach, autor da *Legenda Dourada*, e outros escritores, relatavam as mais grosseiras histórias de intervenções celestiais e diabólica nos negócios terrenos – infundáveis aparições de Maria, sempre pronta a auxiliar a seus adoradores, dentro e fora dos muros conventuais; e história sem fim de demônios a realizarem todas as espécies de travessuras bizarras. Que se há de dizer do quadro da vida cristã exibido no conto de S. Brandão, a navegar no mar Ocidental, onde se diz ter visto uma arrepiante figura de Judas, nu sobre as rochas e, ancorando o santo numa ilha, ali encontrou monges que durante oitenta anos, nenhuma palavra pronunciaram e viviam sem fazer coisa alguma, a não ser por e tirar seus pesados barretes de ouro, andar em procissão, na observância das horas canônicas, e sustentando-se de uma ou duas fatias de pão a eles fornecida por arranjo sobrenatural? Que se dirá do exemplo da bem-aventurada Santa Ângela de Foligno, falecida em 1309, que, convertida, orava para ser libertada dos empecilhos postos à sua piedade, como a obediência ao esposo, o respeito a sua mãe e o cuidado dos filhos, e afinal encontrando na morte deles motivos de regozijo, por se lhe abrir oportunidades de vida “religiosa”? Que se dirá das descrições feitas a sério de almas que foram vistas saindo de corpos mortais em forma de bolas! E das especulações escolásticas de que Dante tirou a substância de seus estudos sobre o inferno e seus tormentos?<sup>3</sup> Que se dirá das inúmeras relíquias –n desde a santa cruz (santo lenho), até o dedo que Tomé introduziu no lado do Salvador; e crinas retiradas da cauda da besta de Balaão – tudo disputado por cidades e aldeias, reis e conventos! Todas essas coisas pertencem mesmo ao cerne da Idade Média.

Se a Idade Média for encarada do ponto de vista da paz, verá o estudioso da história que havia um constante estado de guerra entre imperadores e papas, e certos príncipes, para serem reduzidos à submissão à sé apostólica, tiveram de ser excomungados e enviados, em cumprimento de penitência, ao túmulo do Salvador (Santo Sepulcro) e a outros lugares. O sossego religioso, que se diz ter reinado nos círculos da igreja, briga com o testemunho de eminentes eclesiásticos. Os monges viviam em rixa constante com o clero secular. Os dominicanos e franciscanos estiveram durante anos em rasgado conflito. Na Inglaterra e em outros países, o descontentamento religioso, motivado pelas vexações feitas pelos colaboradores de taxas papais, era permanente.

Tomemos agora a civilização em sua larga abrangência. A despeito da cavalaria, que se pode dizer acerca da baixa opinião em que eram tidas as mulheres, como se vê dos contos horríveis dos feiticeiros *sabbats* e imoralidades perpetradas com demônios? O século XIII foi uma era de servidão, uma época em que não havia escolas para o povo e as universidades eram erigidas somente para a preparação de sacerdotes. Os reis e príncipes habitualmente desconheciam a lei da monogamia. As doenças da pele lavravam espantosamente, de modo que um terço da população da Inglaterra, segundo se computou, estava contaminada por elas, e leprosários não os havia, desde Lincoln até Veneza e Assis. A tortura dos criminosos comuns e dos hereges andava em grande moda. Distribuía-se indizíveis penas de morte. Quanto à limpeza, parece que quanto mais sujo era um povo, maiores suas credenciais de santidade. S. Bernardo proclamou como mérito dos Templários o fato de eles “raramente se lavarem”. Tal era o ideal de humanidade, que o poeta religioso, Jacaponi da Todi, Considerava uma virtude andar de gatinhas, arreado como um burro; e o bom Francisco de Assis abraçava os leprosos e beijava-lhes as mãos. Balmes se atreve, todavia, a dizer que qualquer que tenha sido o progresso feito pela civilização, a partir do século XVI, tal progresso terá sido feito “não pelo Protestantismo, mas a despeito dele; e que, antes de o Protestantismo começar a existir, a civilização européia já havia alcançado todo o

desenvolvimento que ela comporta”. Schwertner, em seu *Sacrifício Eucarístico*, apelando para a “revivificação da glória e das realizações da Idade Média”, apenas repete um desejo de que os escritores católicos romanos frequentemente expressam.

**§ 4. O Medievalismo julgado por si mesmo.** – Uma época há de ser apreciada, em parte, através do juízo que seu povo sobre ela formule. As pessoas que viveram no coração da Idade Média tiveram triste opinião acerca de seu tempo. Não temos necessidade de ir até Frederico II para ouvi-lo dizer que, se o clero mudasse seus hábitos de vida, o mundo poderia outra vez contemplar milagres como nos dias da antiguidade. Arnaldo de Brescia pregava a mesma coisa. Pregadores populares subseqüentes, como Bertoldo de Regensburgo e Geiler de Strasburgo, apresentavam negro panorama de vício e irreligiosidade prevalecente em todas as classes. O principal letrado de então lamentava os males de seu tempo. “Oh! – exclamava Bernardo de Clairvaux – se eu pudesse ver, antes de morrer, a Igreja de Deus restituída ao ideal de seus dias primitivos! Os tempos perigosos não estão iminentes: eles são chegados. A violência enche a terra.” Anselmo, como fez Inocêncio III, escreveu uma obra sobre a maldade de seus dias. Escrevendo a Grosseteste acerca de sua época, o inglês Adão Marsh a ela se refere como “os tempos mais abomináveis”. Rogério Bacon viu a decadência por toda a parte. “O clero todo – lamentava ele – entrega-se ao orgulho, à avareza e à preguiça. Onde os clérigos se reúnem, como em Paris e Oxford, suas querelas e vícios são um escândalo para os leigos.” Um terceiro inglês, de um século mais tarde, Walter Map, em seu livro *Miséria do Mundo*, lamentava: “A justiça foi banida da terra e cessou o culto de Cristo” – *exulat justitia, cessat Christus cultus*. Finalmente, o famoso poema de Bernardo de Cluny, de que se tirou o hino “Jerusalém Dourada”, abre-se com estas palavras: “Os últimos tempos, os tempos piores, aí estão”.<sup>3</sup> Negando que a Idade Média ofereça um espetáculo de excelência moral e religiosa, não é necessário que se lhe conteste certa grandeza imponente de concepção, como se revela nas catedrais, na fundação das universidades, nas cruzadas e também na supremacia papal sobre todo o mundo, cristão e pagão, embora as duas últimas realizações pregadas fossem um erro. Disse Owst, escritor inglês, tratando da pregação na Inglaterra medieval, que “o clamor infundável do pregador medieval era este: os dias são maus”.

**§ 5. O modernismo condenado pela Igreja Romana.** – A glorificação de Tomaz de Aquino e do Medievalismo envolve a condenação da erudição e do esclarecimento modernos. A liberdade de pensamento tem sofrido rude combate na comunhão romana, através da proscrição dos movimentos conhecidos como Modernismo e Americanismo. Pio IX condenou a liberdade moderna, a separação da Igreja do Estado – e negou aos habitantes de Roma o direito de escolherem seu próprio governo. Leão XIII colocou-se em oposição aos altos estudos, afrontando, em certas decisões bíblicas, os resultados da erudição crítica. Pio X foi, talvez, o principal culpado, no terreno da insurgência contra a erudição: caluniou os modernistas e proscreeu a erudição crítica e histórica que de qualquer forma se oponha aos conceitos antigos e tradicionais. No que se refere a Pio XI, vide *Cath. Hist. Ver.*, out. de 1923, p. 409.

O Americanismo, como se trata a corrente liberal de pensamento teológico, nascida das entranhas da Igreja Romana nos Estados Unidos, incorreu a condenação de Leão XIII. O fundador dessa escola, Padre Hecker, 1819-1888, converso da igreja romana e fundador da Congregação de S. Paulo – vulgarmente conhecida como padres Paulistas – preconizou a política de uma estrita acomodação às modernas concepções, como se acham representadas pelos povos germânico e anglo-saxônico, e o

reconhecimento da possível existência da verdade fora dos domínios estreitos do dogma romano. Quando a biografia de Hecker, feita por Elliott, apareceu em tradução italiana, o livro grandemente inquietou os círculos ultramontanos de Roma; e Leão, numa carta dirigida ao cardeal Gibbons, 1899 – *Obras*, 7:223-233, condenou severamente a corrente americana de pensamento. “O Americanismo – declarou ele – contradiz a verdade imutável e a infalibilidade que pertencem à igreja e à sé Apostólica. É função privada do Pontífice Romano expor a verdade, e não compete a um particular a pretensão de definir o que seja a verdade.” O Americanismo ele o condenou como desobediência ao santo padre e, por pecar contra a unidade da Igreja, injurioso ao povo americano. À encíclica de Leão seguiu-se a destituição do bispo Keane – reputado protetor do padre Hecker – de seu ofício de reitor da Universidade de Washington. O arcebispo Ireland, outro sustentáculo de Hecker, professou sua lealdade ao papa, renunciando publicamente às antigas opiniões, pelas quais se mostrara simpático ao movimento, que deixou então de ter advogados nos Estados Unidos.

O movimento, como se manifestou na Europa sob o nome de Modernismo, incorreu em censura tão severa como a que havia caído sobre o Americanismo, mas não teve efeito tão desastroso aos estudos liberais, porque alguns de seus partidários se recusaram à submissão e deixaram a igreja romana, ou foram constrangidos a deixá-la, à custa de anátemas. Os líderes da Alemanha e também da França são eruditos de primeira ordem. O movimento foi iniciado, ao expirar do século XIX, por Herman Schell, falecido em 1906, professor de Wurzburg, através de uma obra sobre *Catolicismo e Progresso*, e por um segundo livro – *A Nova Era e a Velha Fé*. Entre outros alemães proeminentes, figuraram no movimento os mestres de história da Igreja, Hugo Koch e Joseph Schnitzer, os quais declararam que a promazia papal era assunto de evolução eclesiástica. Na França, o abade Duchesne foi censurado por opiniões liberais exaradas em sua *História da Igreja Antiga*, e Alfredo Loisy o foi pela ficção crítica por que tratou o Velho Testamento. Em 1908, Loisy foi punido com a excomunhão maior. Na Itália, o elemento liberal contou entre seus partidários o padre Genocchi, deposto da cátedra de erudição bíblica em Roma; Minocchi, professor em Pisa, e o novelista Fogazzaro. Na Inglaterra, o padre Tyrrell, 1861-1909, que se passou da Igreja Anglicana para a Companhia de Jesus, manejou um estilo brilhante para tornar conhecido o espírito e as aspirações da corrente modernista. Tyrrell defendeu a proposição segundo a qual, nem a teologia é uma ciência estática, nem insuscetível de erro. Submeteu a rude crítica a encíclica de Pio X, de 1907. Em 1906 fôra expulso da Ordem dos jesuítas e um ano depois excomungado. Um amigo seu, que à beira do túmulo recitou o Pai Nosso, foi igualmente excomungado.

Ao agir contra esse movimento promissor, Pio X negou à pesquisa histórica e ao criticismo bíblico todos os direitos à independência. Ele pronunciou nada menos de três alocuções, entre 1907 e 1910, contra os supostos males que ameaçavam a paz e o bem-estar da igreja, através do modernismo. Em 1908 o papa demonstrou sua opinião acerca da importância que atribuía ao acontecimento, pela cunhagem de medalha em que representava a si mesmo como uma espécie de S. Jorge, destruindo a hidra policéfala da nova heresia. O primeiro documento, divulgado em 3 de julho de 1907 em forma de *syllabus*, condenava sessenta e cinco proposições. Foi declarada final a interpretação da Escritura aprovada pela Igreja e os dogmas romanos foram enaltecidos como verdades que desceram do céu. O documento papal denunciava as idéias de que os sacramentos não foram instituídos diretamente por Cristo e que S. Pedro não recebeu a primazia; e terminava repudiando o conceito segundo o qual os ensinamentos da Igreja devem harmonizar-se com os resultados dos estudos modernos – expediente, afirma-o

Pio – capaz de transformar o cristianismo em alguma coisa como o livre e liberal Protestantismo.

Na encíclica *pascendi*, publicada dois meses depois, o pontífice estigmatizava os modernistas como inimigos da cruz e os acusava de tentarem promover a derrocada do reino de Cristo. Declarou-os falsos reformadores, que desprezavam a revelação objetiva e sobrenatural, substituindo-a pelas opiniões subjetivas, derivadas da chamada consciência religiosa. Condenava-os como homens astuciosos, desempenhando duplo papel, ora como racionalistas, ora como católicos, e manejando as armas do ridículo e da injúria contra a teologia dos Escolásticos, como também pedindo a separação da Igreja do Estado, pondo de lado os santos Padres e os concílios, para seguirem as pegadas de Lutero. De fato, prossegue o papa, o angélico doutor S. Tomaz grandemente excedeu aos modernistas em gênio, erudição e santidade. Finalmente, ele acusou os *erroristas* de orgulho intelectual e desenfreada curiosidade, os quais se exibiam como sumidades em crítica textual. Em sua encíclica de 1910, Pio outra vez denunciou os modernistas como seita astuciosa – *vaferrimum genus* – proibiu a leitura de seus livros e prescreveu um juramento de quatrocentas palavras, que todos os sacerdotes e mestres eram obrigados a prestar, reclamando indiscriminado assentimento a tudo quanto foi definido pelo assim chamado infalível ensino da igreja. As exigências contidas no juramento incluem: que a igreja foi edificada sobre Pedro e sobre seus sucessores, perpetuamente, e que toda a verdade é confiada ao episcopado; exigiu também a promessa de se não empregar o princípio herético da evolução na interpretação das Escrituras.

Schnitzer de Munich, afrontando esse mandamento papal, continua a distinguir entre a verdadeira igreja e o organismo no qual os decretos de Inocêncio III, Bonifácio VIII, Pio V, Pio IX e Pio X são encarados como elementos integrantes do sistema. Ele fez distinção entre “a igreja romana, como a fez o homem, e a verdadeira igreja”: pede que se faça a transição do romanismo para o catolicismo e do ultramontano anti-Cristianismo para o Cristianismo de Cristo, afirmando que, a não ser que a igreja romana tome este caminho, ela será punida com a sorte que lhe coube ao tempo de Constantino, no quarto século, e incidirá outra vez em paganismo, de que a presente comunidade romana conserva muitos restos – *massenhafte Reste* – Se nas terras de cultura e progresso – continua o eminente publicista – a igreja quiser sobreviver, o verdadeiro Cristianismo deve abandonar a carnal Igreja Petrina e passar-se para a de há muito desejada Igreja espiritual, Joanina, do futuro.

O arcebispo O’Connell, de Bostons, agora cardeal, tem sido, nos Estados unidos, o mais ilustre defensor da atitude de Pio. Numa carta pastoral de dezembro de 1907, o prelado afirmou que: “O Modernismo se desenvolveu nas trevas e ninguém classificou completamente essa planta daninha até que Pio X falou. Suas devoções, demasiado cobardes para serem francas, encobriam-lhe os desígnios através de sugestões sutis e vagas alusões... Pio, com singular clarividência, condenou essa escola de homens perversos e mal orientados que, assumindo um direito que lhes não pertencia, pretendiam reconciliar a igreja católica com o que eles imaginam que os tempos modernos exigem”.

Aos protestantes essa política parece conduzir diretamente ao obscurantismo, como a política das autoridades romanas o encorajaram no século XVI.

**§ 6. O Protestantismo e o progresso teológico.** – Glorificar a Idade Média, como se ela, por sua teologia e prática religiosa, houvesse esgotado os ensinamentos de Cristo, é coisa diametralmente oposta à regra do Protestantismo. O mesmo acontece com a opinião de que a final definição da verdade cristã se tenha completado na época

da Reforma Protestante. O Protestantismo exalta o livre exame e os direitos da cultura. Lutero reclamava discussão. É uma declaração humilhante a de que os Escolásticos conhecessem toda a verdade de Deus e tivessem exaurido a lição das Escrituras. Os Escolásticos não refizeram o estudo do Novo testamento: aceitaram docilmente o que acharam nos escritos dos Padres. Limitaram-se à atmosfera de seu tempo, exceto no caso de Abelardo, que se abalançou a antecipações do futuro. Não previram a liberdade moderna. Não firmaram nenhum memorial em defesa da abolição da escravatura; não criaram escolas para o povo; não tomaram medidas para livrar sua época da crença na feitiçaria; não fizeram esforços para limitar os horrores da tortura; não sonharam com a tolerância religiosa. Viveram na idade Média. O Protestantismo se avantajou ao Escolasticismo no advogar a investigação religiosa e na posse de um equipamento e aparelhamento para o estudo das Escrituras, como os Escolásticos os não tiveram. O aparelhamento que está hoje nas mãos dos estudiosos é superior ao de que dispunham os Reformadores. Há problemas sociais com que a Igreja defronta hoje e que não existiam quando os Escolásticos ainda viviam, e sérias questões teológicas estão sendo agitadas, acerca das quais não houve dúvida que afetasse o espírito medieval. O Protestantismo insiste em que pode haver progresso na interpretação do Cristianismo que veio de Cristo. O Cristianismo permanece o mesmo; mas, como em astronomia e em todas as demais ciências, novas faces da verdade se têm revelado, também podem ser encontradas nas Escrituras originais novas lições desconhecidas no passado. Petrarca, ao começarem a relaxar-se as algemas da Idade Média, teve consciência daquele princípio, quando distinguiu entre os ensinamentos das Escrituras e as Escrituras conforme as interpretava Agostinho. A atitude dos Protestantes se expressa, desde muito tempo, pelo moto: Sou amigo de Agostinho, de Tomaz de Aquino e de Calvino, mas sou mais amigo da verdade – *amicus Augustinus, amicus Thomaz, amicus Calvinus, sed magis amica veritas*.

O próprio Lutero dá exemplo notável da disposição para aceitar novas luzes, qualquer que seja a direção de que promanam, pondo de lado velhas opiniões quando achou que eram melhores as novas idéias. Lendo a obra de Huss sobre a Igreja, mudou de opinião acerca da sede da infalível verdade religiosa. Quando o tratado de Lourenço Valla lhe chegou às mãos, ele repudiou como enorme falsificação as Decretais Isidorianas, que haviam desfrutado de autoridade por seis séculos, justificando as concepções medievais do poder clerical e papal. À medida que estudava a Bíblia e penetrava em seus ensinamentos, o Reformador ia gradualmente abandonando essa ou aquela tradição que recebera por herança, substituindo as sutilezas escolásticas pelas definições bíblicas.

O princípio protestante do livre exame não encontra em parte alguma mais admirável expressão do que através das palavras do rev. João Robinson, da mais rigorosa escola calvinista, dirigidas aos Peregrinos que iam embarcar para a América: “Os luteranos não podem ser levados para além do que Lutero disse, porque, qualquer que fosse a parcela de vontade de Deus comunicada posteriormente a Calvino, os luteranos preferiam morrer a abraçá-la. Assim são também os calvinistas: plantam-se onde Calvino os deixou, o que é muito para lamentar. Porque, embora eles tivessem sido preciosos luzeiros no seu tempo, Deus não lhes revelou toda sua vontade; e, se ainda fossem vivos, estariam prontos a receberem maiores luzes do que receberam e estariam desejosos de o fazer”. Depois Robinson propôs aos Peregrinos que se iam o seguinte pacto: “Receberem quaisquer novas luzes e verdades que lhes fossem reveladas através da Palavra de Deus escrita”. O conselho de Robinson contém o princípio do progresso teológico e religioso.

### Bibliografia e Notas

Obras contra o Modernismo. – Pio IX, Syllabus, trad. na *Cath. Hist. Rev.*, julho de 1927. – Leão XIII sobre o Americanismo, *Works* 7, 223-33. – Encíclicas de Pio X, 1906-10, Hecker, *The Church and the Age*, 10o. milheiro, 1890. – Elliott, *Life of Hecker*, com introd. pelo Arebp. Ireland, 1891-1894. – Walsh, *The 13 th Cent. the Greatest of the Centt.*, 1907. *The Calvert Series*, por Belloc, Chesterton, Ward, etc. N. Y., 1925. F. Woodlock, S. J., *Modernism and the Christian Ch.*, 1925. Sobre o Modernismo, Houtin: *L’Americanisme*, trad. 1910; *Hist. du Modernisme*, pp.458, 1913. – Sell of Bonn: *Kathol. und Protest. in Gesch. Rel.*, etc., 1908. Ex-católicos: Loisy: *The Gospel and the Ch.*, trad., 1912; *My Duel with the Vatican, Autob. of a Cath. Modernist*, trad., 1924, etc. – Tyrrell: *Programme of Modernism, a Reply to the Enc. of Pius X*, 1908; *Christianity at the Cross-roads*, 1910; *Autob. and Life*, por Petrie, 2 vols., 1912. – Schnitzer of Munich: *D kathol. Modernismus*, pp. 212, 1912. Koch of Braunschweig: *Katholizismus und Jesuitismus*, 1913; - As obras de McCabe, e Hoensbroech-Barrett: *The Enigma of Jesuitism*, 1907.

- 1- As palavras de Leão são *omnium princeps et magister longe eminent inter scholasticos doctores*, *Works*, 1:88, 108. Leão frequentemente insistia no louvor de Tomaz.
- 2- Sobre a trad. da bula de bento e da bula de Pio X, de 8 de setembro de 1907, Vide *Cath. Hist. Rev.*, 1921, 55-63, 1923, 401-12.
- 3- Sobre o medievalismo, Vide o ex-católico Heiler, p. 590 e SS. A luta interna da comunhão romana contra os resultados positivos da ciência física pode ser datada da condenação do professor católico romano Mivart, 1827-1900, cujos artigos, publicados no *Nineteenth Century*, 1892-1893, foram postos no Índex. Foi excomungado pelo cardeal Vaughan. É interessante notar a incondicional admiração que Belloc, e Chesterton em sua *Back to Merry England*, etc., nutrem pela Idade Média. As obras de Coulton, baseadas em investigação histórica, apresentam a Idade Média em sua cor real.